

27-04-2020

## Doutor, não consigo respirar, mas se votou em Bolsonaro deixe-me morrer

Angelo Bernardo M. Offen

[Cientista Social e das Humanidades - Algarve / Portugal]

Daqui de Portugal, torço pelos meus irmãos brasileiros.

A condição de surfista não me exime de estar exposto à pandemia inesperada. Esse negócio de gripezinha, pá, é pra maluco ou, ora, doido. Embora eu seja atleta, talvez mais do que qualquer capitãozinho de exército, luso ou brasileiro, nunca tive coragem de enfrentar as ondas de Nazaré, mesmo sendo razoável escultor de minhas parcas musculaturas. As ondas de Nazaré são um Coronavírus aquático gigantesco. Mas só para os que as desafiam achando que é uma “ondinha”. A imortalidade é para idiotas e crentes fanáticos. Eu quero morrer orgulhoso de mim pelas minhas covardias. Pelas minhas coragens serei criticado e de nada servirão em minha sepultura.

Amo o Brasil, um tiquito menos que a Portugal - minhas quintas, minhas naus imaginárias do passado e do futuro, minhas fadistas do Bairro Alto -. O lençol que me recebe após as noites de fado, inundado de lágrimas tardias, a umedecer-me nas noites solitárias de Lisboa. Minha mãe estampada em cada mãe da janela da ladeira de Alfama a ilustrar minha saudade enquanto passa o bonde.

Lisboa é quase tudo quando se pensa em tudo. Hoje moro no Algarve, mas sei o quanto sei do lugar que eu deveria estar, embora eu esteja onde deva. O Algarve é lindo.

E menos. Sempre há uma beleza a mais que falta. Por isso que talvez esteja eu aqui no lugar certo: para somar a menos. Onde se bastam os demasiados, não necessitamos estar. O Brasil, a que tanto aprecio, é um pouco disso. Quisera estar aí convosco para somar a menos.

Menos hipocrisia, menos arrogância, menos injustiça. Adicionar-me a uma aritmética que soma para menos na defesa da democracia. Melhor do que somar-se a mais nos tantos excessivos que defendem a tirania. Sofro aqui por vós. Estivesse eu aí, nessa hora de sofrimento por um presidente que não vos honra, estaria eu também no lugar certo, mesmo fora do torrão que me viu aflorar da mãe que até agora cá ainda me falta. Eu, surfista e cientista social, sem saber mais qual, entregaria minha prancha de surf artesanal para salvar nossos povos português e brasileiro, só para ficar com a ciência, ainda que de modo temporário. Ambos - surf e ciência - me dizem ao peito.

O povo brasileiro sofreu deveras por nossas aventuras descobridoras, e sofre agora com a pandemia, com um sociopata no poder, mas não imagina o quanto cá também sofremos. Quando cá estava eu a escrever este texto já sabíamos, em Portugal, mais de 19 mil casos confirmados e 657 mortes do tal Covid-19.

Se fossemos da grandeza do Brasil seria algo como 400 mil casos e 13 mil mortes, isto ainda, ao que parece, no início de uma estrada em que não se sabe como acaba ou aonde.

Desd'a [Peste Negra em Lisboa \(1569\)](#), quando se ordenava “mandar queimar as roupas de menor valor das pessoas atacadas pela doença; e colocar de quarentena os navios de transporte de escravos; ...” entre outros ditames higiênicos..., vivemos cá nas terras das oliveiras, vinhas e fados muitas agruras. O [sismo \(terramoto\) de Lisboa \(1755\)](#), que talvez meus patrícios brasileiros em sua maioria não saibam, deixou-nos de tamancos - os que sobraram -. Pouco mais de dois terços d’habitantes sobraram. A morte veio do chão e do mar implacável.

Àquela época contar mortos era feita a dedos, a maioria dos dedos mutilados. Na Gripe Pneumónica (dita Espanhola) chegamos à morte de 10% das pessoas em algumas regiões de Portugal. Estava eu a burilar coisas de meus alunos e, com algum esforço, tentando motivá-los a estabelecerem vínculos nessas distâncias pandêmicas, quando saltitou-me ao celular uma mensagem na rede que sustento com amigos de vários países de língua portuguesa. Parei um tanto estranhado ao ver a frase, vinda do Brasil, “*Doutor, não consigo respirar, mas se votou em Bolsonaro deixe-me morrer.*” Busquei detalhamentos. O vício da pesquisa em ciências sociais me impulsionou à descoberta impossível.

De que tipo de pessoa saiu a frase tão decisiva? Quem será, o que fará? Por que tamanha opção ideológica pela morte? Que mistério é esse? Será verdade? Logo pouco tempo depois sumiu-me a frase da tela minúscula.

Em vão tentei resgatar a razão da frase, qual o contexto.

O que se passou. Muito aturdido, desisti depois de algumas horas. Teria eu visto realmente a frase insólita?

Companheiros da rede não m’o confirmaram.

Recorri à Amália Rodrigues e à [Dulce Pontes](#). Fado.

*Cheia de penas / Cheia de penas me deito /  
E com mais penas / Com mais penas me levanto /  
No meu peito / Já me ficou no meu peito /  
Este jeito o jeito de te querer tanto / Desespero /  
Tenho por meu desespero / Dentro de mim /  
Dentro de mim o castigo / Eu não te quero /  
Eu digo que não te quero / E de noite /  
De noite sonho contigo / Se considero /  
Que um dia hei de morrer / No desespero /  
Que tenho de te não ver / Estendo o meu xaile /  
Estendo o meu xaile no chão / Estendo o meu xaile /  
E deixo-me adormecer / Se eu soubesse /  
Se eu soubesse que morrendo / Tu me havias /  
Tu me havias de chorar / Por uma lágrima /  
Por uma lágrima tua / Que alegria /  
Me deixaria matar*

Ao ouvir várias vezes o fado e várias vezes ler a frase tive a certeza que a sentença foi dita por uma mulher, brasileira, espancada por algum eleitor do Bolsonaro. ■■■

OBS. Os textos expressam a opinião de seus autores, não necessariamente coincidente com a dos coordenadores do Blog e dos participantes do Fórum Intersindical. A cada reunião ordinária, os textos da Coluna Opinião do mês são debatidos, suscitando divergências e provocando reflexões, na perspectiva de uma arena democrática, criativa e coletiva de encontros de ideias em prol da saúde dos trabalhadores.